

Jacopo Crivelli Visconti escreve sobre os "livros de artista" concebidos por Flávia Ribeiro

*“não conheço um cubo a não ser que tenha visto suas seis faces;
[contudo] posso ver no máximo três ao mesmo tempo, nunca mais do que isso...”*

Jean-Paul Sartre

No campo ampliado da produção contemporânea brasileira, o livro de artista ocupa um lugar singular: cria, por assim dizer, um espaço e um tempo peculiares, cumpre, frente à rigidez dos suportes tradicionais, o papel de uma válvula, cuja eficiência depende, exatamente como a de um livro, da capacidade de se abrir e se fechar, de estar, isto é, em constante movimento, nem que seja um movimento apenas potencial. O caso de Flávia Ribeiro é, nesse sentido, paradigmático: desde o final dos anos 1970, em seus livros vêm se depositando, sedimentando quase, vários dos aspectos ou temas centrais na sua obra. Que se trate dos pesados trabalhos em encaustica produzidos ao longo dos anos 1980, ou dos frágeis, etéreos e vibrantes cadernos que caracterizam a produção mais recente, da qual apresenta-se aqui um recorte, esses livros funcionam como indícios do percurso da artista, fornecendo um contraponto silencioso e quase invisível à produção pictórica e escultórica. Esse seu caráter metonímico, é importante ressaltar, não decorre de uma estratégia ou de um planejamento da artista: pelo contrário, por se tratar de um formato com que ela tem grande familiaridade, os livros simplesmente “acontecem”, brotam como frutos de um fazer íntimo, quase doméstico, e se têm se mantido em sua grande maioria inéditos até hoje, é por conta exatamente desse seu caráter pessoal, de espaço de reflexão e experimentação.

Os livros de Flávia Ribeiro, em outras palavras, acabam apontando para questões centrais na poética da artista porque constituem o cerne mais profundo, o manancial dessa poética, e não porque tentam condensar ou resumir assuntos que lhe são estranhos. Pensemos, por exemplo, no embate constante entre o peso e a leveza,

na dúvida que, por vezes, nos acomete, ao nos darmos conta que não sabemos se um dos livros deveria ser considerado leve, o que inegavelmente é, ou pesado, já que as camadas de guache o tornaram muito mais denso, aveludado e pesado do que imaginávamos que seria. Ou, ainda, na maneira como a cor reverbera pelo espaço, seja a partir da justaposição de camadas monocromáticas e uniformes, seja ecoando a potência extremamente concentrada e contundente de pequenos grumos de ouro, quase perdidos por entre as páginas. Ou então, e talvez principalmente, no caráter eminentemente tátil desses livros, que constantemente convidam o observador a tocar, a virar as páginas de organza ou pergaminho, a ouvir o sussurro do papel de seda, a recolocar no lugar as folhas que, por ventura, possam ter se deslocado. Esse prazer háptico pode ser considerado quase ontológico, no trabalho de Flávia Ribeiro, mas só os livros permitem entregar-se por completo à tentação de manusear, mergulhar nas páginas e, devagar, comparar cada momento da leitura, em última instância reconstruindo-os, aos poucos, na imaginação, como o cubo de que fala Sartre, cuja forma completa, apesar de “invisível”, nos resulta tão familiar.